

Executivo discute valores morais em novo livro

Boris Tabacof

por Cíntia Esteves



Em Espírito de Empresário, Reflexões para Construir uma Gestão Baseada em Valores, Tabacof fala do espiritualismo na vida de dirigentes de grandes empresas

Ele decidiu tocar em um ponto nevrálgico. Em seu novo livro, **Boris Tabacof** discute a espiritualidade como alternativa para o dia a dia de homens e mulheres de negócios. O executivo, que já passou por importantes empresas como Safra e Embraer, atualmente ocupa uma cadeira na vice-presidência do conselho da Suzano Papel e Celulose, e diz não ligar para o torcer de narizes que suas reflexões possam causar. "Estou pisando num terreno que, reconheço, é altamente discutível, mas não pretendo impor meu ponto de vista a ninguém." É com esta segurança que Tabacof falou ao BRASIL ECONÔMICO, na sede da Suzano, em São Paulo, sobre as reflexões de seu novo livro.

No livro, o senhor diz que, para inovar, o empresário e o executivo não dependem do conhecimento acadêmico, mas sim de uma mistura de intuição com uma certa inclinação para correr riscos. Falar de intuição no mundo empresarial não é muito subjetivo?

No livro eu discuto muito essa relação de ciência e espiritualidade. É uma discussão enorme que vem acontecendo há séculos e não acaba porque a ciência, que pretende explicar tudo, só chega até um certo limite. Este livro é fruto da minha vivência, da minha experiência pessoal, meu convívio com grandes líderes empresariais. É até temerário dizer isso, mas grandes decisões empresariais que estão sendo tomadas atualmente não são apenas em cima de números e análises. Existe aquele toque ao qual eu chamo de intuição e que pode ter muitas explicações e razões.

E como fica a questão da formação executiva? No livro, o senhor afirma que os atuais cursos de pós-graduação e MBA não são suficientes para formar executivos e empresários.

Tenta-se colocar nesses cursos a questão da economia e da teoria da administração como se fossem ciências exatas, e isso não é verdadeiro. É aí que reside o problema. Os cursos são necessários, mas falta uma alma, falta um conteúdo humanista e uma visão da ciência social.

Essa formação é importante porque é rara a posição de direção que não envolva dirigir gente.

A função pode exigir uma alta especialização técnica, mas, na regra geral, o executivo sempre vai ter que dirigir pessoas.

O senhor também discute a questão do meio ambiente. Os empresários e executivos realmente estão preocupados com isso?

Eu concordo em que predominou e ainda predomina uma visão que eu chamaria de marqueteira. O processo começa de modo embrionário com uma visão mais interesseira, mas que acaba adquirindo uma força muito grande dentro da empresa. Eu vejo muito as coisas como um processo. As questões são evolutivas e podem evoluir positivamente ou não, mas o fato é que elas estão sempre em movimento. É claro que é preciso que os dirigentes se convençam de que esse é um processo irreversível. Tem que sair de dentro do empresário, da consciência dele. Temos que ter o comprometimento social por uma convicção nossa, da nossa condição espiritual, dos nossos deveres de ordem moral.

A importância do convívio com a família também ganhou espaço no livro. O senhor acredita que os empresários e executivos ainda não têm essa consciência?

Eu conheci gente muito rica e poderosa, mas sem qualidade de vida. Quando se passa a pensar no enriquecimento e na acumulação de fortuna sem nenhum limite, sem objetivo algum, a pessoa acumula por acumular e isso gera uma sensação eterna de frustração. O convívio com a família, os interesses pela cultura e pela arte, pelo lazer, pelos esportes, enfim, tudo isso deve ser objetivo de vida.

Como deve ser a vida dentro de uma empresa?

Você já imaginou se as pessoas de uma empresa, da mais alta direção até os cargos mais modestos, tiverem uma atitude construtiva de adesão a princípios benevolentes, no trato com o meio ambiente, com competidores, com seus fornecedores? Como ela seria? Seria uma empresa na qual todo mundo estaria motivado, procurando aplicar da melhor maneira os recursos da companhia. A vida empresarial é como se fosse um sistema em que há figuras de todo tipo gravitando em torno de várias forças. Por essa razão é que a visão espiritual é tão importante para obter resultados maiores.

O senhor é filho de imigrantes russos e nasceu na Bahia. De que forma suas origens o inspiraram a escrever este livro?

Minha família imigrou para a Bahia, nos anos 1920, e lá eu tive várias experiências de natureza espiritual. A Bahia, todos sabem, tem uma carga, uma energia muito forte que é verdadeira, não é só história de Jorge Amado. Tive experiências concretas do ponto de vista propriamente espiritualista. Passei por um processo intelectual de leituras, de estudos, de visões históricas, filosóficas e depois isso foi reforçado por vivências de caráter espiritualista, que influenciaram minha visão.

ALGUNS TEMAS DO LIVRO

1.

Autobiografia presente em diversos capítulos

No livro, o autor aproveita para resgatar sua história pessoal e profissional. Ele cita suas experiências na administração da empresa de móveis de sua família, passando pela época em que foi secretário da Fazenda da Bahia até se tornar o primeiro membro fora da família Feffer a ocupar um cargo de direção da Suzano Papel e Celulose. Tabacof também não deixa de fora sua experiência como militante político de esquerda.

2.

Reflexões sobre ciência e fé permeiam o livro

No capítulo intitulado O Altruísmo desafia Darwin, o autor diz que "é possível pensar em um modo de coexistência da ciência com a religião". Como ele afirma, "para ter fé no Criador não é preciso negar Darwin, mas os caminhos da espiritualidade não são os mesmos da ciência." Tabacof explica que a forma de se submeter uma tese ao rigor da experimentação não anda na direção de confirmar fenômenos espirituais e paranormais.

3.

Informação e conhecimento

Em um capítulo dedicado à quantidade de informações que atualmente temos disponíveis - principalmente na internet - o autor faz alguns questionamentos. "A informação pode se transformar em conhecimento?"; "A crescente informação representa mais sabedoria?". Como o próprio autor afirma: "Quando o assunto é informação temos mais perguntas do que respostas".